

Capítulo 1:

Edificando crentes à moda antiga

Assim diz o SENHOR: Ponde-vos à margem no caminho e vede, perguntai pelas veredas antigas, qual é o bom caminho; andai por ele e achareis descanso para a vossa alma; mas eles dizem: Não andaremos.

Jeremias 6.16

Alguns anos atrás, no avião a caminho de casa, voltando de uma conferência de educadores clericais, eu (Gary) me envolvi numa animada conversa com o agradável cavalheiro sentado na poltrona do lado. Quando soube que eu era professor de educação cristã, começou a contar sua própria jornada religiosa. Fora educado como membro da Igreja Católica e tinha se casado com uma mulher que era judia. Tudo correu bem, explicou, até o casal ter filhos. A certa altura, sua esposa lhe disse: “Sabe, pelo bem dos nossos filhos, deveríamos escolher uma religião para eles”. E assim, “Eu lhe disse: ‘Posso mudar a minha’”. (Aparentemente, seu compromisso com o catolicismo não era muito forte.) Fiquei surpreso especialmente com o que ele me contou em seguida. A fim de se tornar judeu, explicou-me, teve de se encontrar uma vez por semana com o rabino local durante um período de muitos meses. O rabino o familiarizou com os conceitos básicos das práticas e crenças judaicas. Somente após receber essa instrução e após se submeter ao *mikvah* – uma imersão ritual para solenizar sua conversão – ele foi recebido na comunidade como judeu.

Essa conversa me lembrou da história da minha irmã. Ela, assim como eu, foi criada como protestante, e se casou com um homem católico romano. Eles também não tiveram problemas até a chegada dos filhos. Nesse caso, foi a minha irmã que concordou em mudar de religião. E, novamente, essa conversão de uma pessoa adulta não pôde acontecer sem uma instrução sistemática. Minha irmã foi instruída pelo padre da paróquia local durante vários meses. Então, num rito de iniciação, ela foi recebida como membro da Igreja Católica.⁴

Compare essas histórias com aquilo que acontece em muitas igrejas evangélicas de hoje. Como recebemos um visitante na porta de uma das nossas próprias igrejas? Se é que reparamos nessa nova pessoa, talvez a cumprimentamos, lhe entregamos um panfleto e a levamos até seu lugar. Se ela voltar à igreja uma segunda ou terceira vez, algum membro da igreja bem-intencionado talvez já tente convencer esse novo “membro” a se tornar professor da escola dominical. Mas esse recrutador provavelmente estará competindo com o diretor do coro (ou o líder do grupo de adoração) ou com o administrador de algum outro ministério que esteja sofrendo com a falta de obreiros e que também já esteja de olho no novo candidato. O que é improvável acontecer é que alguma pessoa pesquise seriamente o estado espiritual desse visitante ou lhe ofereça uma oportunidade cuidadosamente planejada para que seja instruído na fé cristã.

Em algumas igrejas, é claro, pode muito bem existir um plano para introduzir “buscadores” na fé cristã. Programas como Alpha* e Cristianismo Explorado* estão sendo uma grande ajuda nesse respeito.⁵ Mas pode-se observar um fenômeno interessante em muitos locais onde esses ministérios são realizados. Esses esforços de ministério evangelístico estão atraindo grande número tanto de membros da igreja, quanto de pessoas de fora. Parece que muitos que já são considerados crentes estão com fome – esfomeados, na verdade – de um conhecimento rudimentar da fé. Eles nunca foram instruídos na fé cristã de forma séria? Aparentemente, não.

Práticas históricas de recrutamento de discípulos

Historicamente, o ministério de fornecer uma fundamentação nos rudimentos do cristianismo para novos fiéis tem sido chamado de *catechesis*. É um ministério que tem crescido e diminuído ao longo dos séculos. Floresceu

* curso sobre a fé cristã apoiado por diversas denominações ao redor do mundo. <http://www.alphabrasil.org/> [NR]

* www.christianityexplored.org [NR]

entre os séculos 2º e 5º na igreja da antiguidade. As pessoas que se convertiam ao cristianismo muitas vezes vinham de culturas e mentalidades radicalmente diferentes. Corretamente, as igrejas levavam essas conversões muito a sério e procuravam certificar-se de que essas revoluções nas vidas dos indivíduos acontecessem com cuidado, em oração e voluntariamente, assegurando que uma profunda compreensão acompanhasse cada estágio.

Com o estreitamento do alinhamento entre igreja e Estado no Ocidente, em combinação com o impacto da Idade Média, o ministério da catequese corrompeu-se em grande escala durante a maior parte do milênio seguinte.⁶ A divisa entre nascimento natural e espiritual praticamente desapareceu. De acordo com a prática centenária, crianças batizadas e recebidas na igreja deveriam, em teoria, ser catequizadas mais tarde nas noções básicas da fé. Mas, na maioria das vezes, nada disso acontecia. Como consequência dessa negligência, muitas pessoas que diziam pertencer a Cristo sabiam pouquíssimo sobre o que isso realmente significava.

Os reformadores, liderados pelos pesos pesados Lutero e Calvino, tentaram, com grande determinação, reverter a situação. Lutero restaurou o cargo de catequista nas igrejas. E aproveitando-se da invenção providencial da prensa de tipos móveis, feita apenas poucas décadas antes do seu tempo, Lutero, Calvino e outros se apressaram a imprimir e distribuir catecismos – pequenos livros para instruir crianças e as pessoas “simples” nas verdades básicas da fé, oração, adoração e comportamento cristãos.⁷ Catecismos com maior profundidade foram produzidos para adultos e líderes cristãos. Além disso, congregações inteiras foram instruídas resolutamente por meio da pregação catequista, da catequização regular das crianças nos cultos dominicais e, em muitos casos, da prática renovada do canto de salmos e hinos na igreja.

Não há dúvida quanto à convicção dos reformadores de que o trabalho catequista é de importância primária. João Calvino, em 1548, declarou em uma carta ao Lord Protector da Inglaterra: “Meu senhor, acredite-me... A Igreja de Deus nunca será preservada sem a catequese”.⁸ A Igreja de Roma, reagindo à influência crescente dos catecismos protestantes, logo começou a produzir seus próprios. O rigoroso trabalho de instruir fiéis e convertidos naquela fé que fora entregue aos santos uma vez por todas, essa disciplina didática que havia sido perdida em grandes partes durante quase todo o milênio passado, tornou-se normativo mais uma vez tanto para os católicos quanto para os protestantes.

Poderíamos muito bem dizer que o espírito e o poder da catequese saudável foram danificados pela hostilidade criada quando os protestantes e católicos começaram, cada vez mais, a usar os seus catecismos para

lançar ataques uns contra os outros. Mesmo assim, o renascimento da disciplina de uma catequese levada a sério foi um enorme passo adiante para todos os envolvidos.

O papel essencial da catequese em sustentar a igreja continuou inquestionável para os grandes evangelistas que logo surgiram no mundo anglo-saxão. Richard Baxter, John Owen, Charles Spurgeon e inúmeros outros pastores e líderes consideraram a catequese um de seus deveres pastorais mais óbvios e básicos. Caso não pudessem aceitar e utilizar-se de todo coração de um catecismo existente para tal instrução, adaptavam ou editavam um deles ou simplesmente escreviam seu próprio. Todos sabiam que uma das principais tarefas de um pastor era a de ser o professor do rebanho.⁹

Recentes abandonos da catequese

Hoje, porém, apresenta-se uma situação bastante diferente, e isso por uma série de motivos. A igreja no Ocidente tem, em grandes partes, abandonado a catequese séria como prática normativa. Entre os fatores mais surpreendentes que contribuíram para esse declínio encontram-se as consequências involuntárias do grande movimento da escola dominical. Esse fenômeno leigo se espalhou pela América do Norte no século 19 e veio a dominar os esforços educacionais na maioria das igrejas evangélicas até o século 20. Ele, de fato, substituiu os pastores catequistas por obreiros leigos sem muito treinamento e, no lugar de uma fundamentação nas crenças, práticas e éticas da fé básicas, criou-se uma familiaridade (ou, talvez, deveríamos dizer, uma familiaridade *excessiva*) com as histórias bíblicas.¹⁰

Por isso, para a maioria dos evangélicos contemporâneos, a noção da catequese é basicamente um conceito desconhecido. A própria palavra — *catequese* ou qualquer termo a ela associado, inclusive a palavra *catecismo* — é suspeita para a maioria dos evangélicos de hoje. (“Espera aí, isso não é coisa da Igreja Católica Romana?”) Ironicamente, como mencionamos acima, foram os reformadores que incitaram a Igreja de Roma a renovar seu interesse pela catequese séria. Em décadas recentes, enquanto a Igreja Católica vem renovando vigorosamente seu trabalho catequista, a maioria dos evangélicos não tem retornado às suas raízes catequistas.¹¹ (Onde, no passado, os católicos romanos aprenderam com os evangélicos, agora parece que nós, os protestantes evangélicos, temos muito a aprender deles.)

Ao oferecermos este livro, esperamos contribuir para uma correção de curso muito necessária nesses assuntos. Temos certeza de que Calvino estava certo e que já estamos testemunhando as tristes, e até trágicas, consequências de permitir que a igreja continue *sem qualquer* catequese significativa. Temos,

além disso, certeza que algo pode e deve ser feito para ajudar as igrejas protestantes a tomarem um rumo mais sábio. O papel que esperamos preencher com esse projeto em específico é o de advogar a posição de que a recuperação de uma catequese significativa é uma prática não negociável, em especial nas igrejas evangélicas.

Nosso alvo, para usar outras palavras, é encorajar nossos irmãos evangélicos a levarem em consideração, com toda seriedade, a sabedoria de edificar crentes à moda antiga. Muitos evangélicos contemporâneos demonstram uma tendência de participar da “vanguarda” de seu ambiente cultural. Constantemente estamos à procura de métodos novos ou inovadores. Queremos ser relevantes. Dispomo-nos a mudar de rumo a qualquer custo para “satisfazer as necessidades do outro”. O que estivemos fazendo até agora não funcionou, pensamos. Por isso, tudo precisa mudar. Os modelos e programas antigos não produziram os efeitos desejados, achamos. Assim, nos dedicamos aos novos modelos e programas desenvolvidos pela “melhor pesquisa”. Ou observamos o que outras igrejas “bem-sucedidas” estão fazendo e nos convencemos de que imitá-las é o melhor caminho para obter sucesso.

Olhar para trás a fim de ir em frente

Mesmo que possamos entender as intenções que motivam esse tipo de atitude, elas demonstram uma falta de sabedoria quando nos deixamos guiar primariamente por esses pensamentos. Fato é que acabamos nos desgastando ao tentar reinventar a roda a cada momento. O estado atual do discipulado é lamentável? Pode muito bem ser o caso em muitas das nossas igrejas. Mas em vez de procurarmos pela mais nova técnica, programa, esquema de marketing ou modelo impressionante, faríamos bem se parássemos por um instante, respirássemos fundo e cuidadosamente repensássemos o rumo que precisamos tomar. As palavras de Deus expressas pelo profeta Jeremias muitos séculos atrás parecem ser adequadas para nós nos dias de hoje:

Assim diz o SENHOR: Ponde-vos à margem no caminho e vede,
perguntai pelas veredas antigas,
qual é o bom caminho; andai por ele
e achareis descanso para a vossa alma;
mas eles dizem: Não andaremos.

Jeremias 6.16

Concordamos com a convicção já bastante generalizada de que muitas igrejas evangélicas necessitam hoje de profundas mudanças. Sim, o fato de